

Aceita-me ou te devoro: o trânsito entre os sexos como danação em Samuel Rawet

Aceita-me ou te devoro: The Exchange between genders and damnation to Samuel Rawet

Débora Magalhães Cunha Rodrigues¹

Resumo

Samuel Rawet foi um escritor judeu brasileiro que se dividiu entre a literatura e a engenharia. Escreveu inúmeros ensaios e contos nos quais apresentou ou discutiu o tema da homossexualidade. Sua ficção dialoga diretamente com seus textos ensaísticos no que diz respeito a certos assuntos obsessivos, para usar as próprias palavras do autor. Assim, proponho analisar um desses assuntos, a questão homossexual, a partir do ensaio “Homossexualismo: sexualidade e valor”, publicado em 1970, em diálogo com sua ficção. Os contos aqui analisados apresentam a mesma questão: o corpo como lugar ético. O artigo, entretanto, toma como base a observação do filósofo Didier Eribon de que não seria possível deslocar os limites da liberdade humana fora dos lugares hegemônicos. Considerando a crítica e o texto literário como manifestações hegemônicas, Samuel Rawet tentou alargar estes limites.

Palavras chaves: Samuel Rawet. Homossexualidade. Identidade.

Abstract

Samuel Rawet was a Brazilian Jewish writer divided himself between literature and engineer. He wrote countless essays and short stories in which he presented or discussed the subject of homosexuality. His novels dialog directly with his essays when he talks about subject that he is obsessed, to use the author's own words. I propose to analyze one of these subjects, the homosexual question based on his article “Homossexualismo: sexualidade e valor”, published on 1970, in dialogue with his novels. The short stories here studied suggest the same question: the body as an ethical place. However, the article takes as its basis the observation of the philosopher Didier Eribon that it would not be possible to move the limits of human freedom out of hegemonic places. Considering the review and literature as a hegemonic manifestation, Samuel Rawet had the intention to extend this limits.

Keywords: Samuel Rawet. Homosexuality. Identity

Passara já o período em que precisava nomear o que via para ter o prazer da visão. Hoje aceitava o que havia em torno, e gozava o objeto fosse o que fosse, tivesse nome ou não. Lembra-se da dor ao procurar identificar as cores, que já foram tão importantes para ele. Um trecho de campo era apenas um quebra-cabeça onde se achava na obrigação de identificar a cor exata e todos os matizes. Chegar ao extremo de saber que um tronco era marrom porque era tronco, e uma folha folha porque verde. O que fazer com as folhas vermelhas?
(RAWET, 2004, p. 429)

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro • E-mail: deboramcr83@gmail.com

Introdução

A novela “Abama” de Samuel Rawet, publicada em 1964, narra a história de Zacarias, vendedor de eletrodomésticos que decide iniciar uma busca pelo seu demônio particular. A personagem inaugura, então, uma jornada de inúmeros encontros fortuitos com desconhecidos, como se no encontro projetasse a si mesma e assim descobrisse seu demônio. No fim, num ritual que mistura transformação e purificação, Zacarias esboça seu duplo a lápis sobre o papel, Abama

permanece longamente sob a água do chuveiro, água morna que lhe cai sobre o corpo e retira mais por dentro que por fora todo o acúmulo de contradições do dia. A roupa limpa completa o trabalho do banho. (...) A mão avança sobre a folha de papel, e o lápis desenha com energia a primeira letra do alfabeto. E na primeira letra Zacarias procura o início do que era informe e informe ainda se revelaria às primeiras tentativas. À segunda letra uma tensão se esboça, mas negativa, feita de supressões do real. De novo a primeira letra, e ao fluxo intemporal de reminiscências não vividas, de sentimentos não experimentados, de dores e alegrias conhecidas pelo avesso, surge um nome sobre a folha de papel e um ser à sua frente (RAWET, 2004, p. 446).

O processo de criação do demônio representa uma composição binária. A primeira letra do alfabeto, seguida da segunda, que retorna à primeira, seguida da décima segunda letra¹ e, por fim, outro retorno a primeira (A=1; B=2; A=1; M=12; A=1). Nome e demônio nascem ao mesmo tempo. Zacarias e Abama iniciam um desconfortável diálogo em que nada precisava ser dito porque tudo já era sabido. No entanto, o diálogo era necessário, como se só pudessem existir a partir do que enunciavam mesmo sendo repetição. A voz de Abama faz soar fúrias, medos, perseguições, cansaços e, numa estranha mutação, multiplica-se, e cada duplo seu é também duplicado. Os duplos trocam acusações, humilhações e lamentos. A tensão atinge seu maior nível a ponto de fazer os duplos desaparecerem. Restam novamente Zacarias e Abama, e perguntam-se: “Por que transformar em palavreado complexo o que era simples e não precisava de definição?” (RAWET, 2004, p. 447) Uma luta inicia-se como esforço de equilíbrio ou como intenção de anular as diferenças entre eles. Zacarias pensa que sua anulação poderia representar o início de outro destino, porém é golpeado por Abama e tomba. Abama se desfaz.

O confronto entre estas duas forças remete à outra narrativa de Rawet, o conto “A luta” do livro *Diálogo* de 1963. Neste texto, um homem acorda sem lembranças do que era no passado, nem mesmo a palavra existia para ele. Após perceber-se como homem, enxerga um corpo semelhante ao seu. Inicia-se um combate. Os corpos em luta são personagens sem nome, são massas disformes que se assemelham a um homem, porém não têm contornos precisos. O conto, assim como a novela “Abama”, tem como questão central o encontro e a necessidade de comunicação, perseguida pelo autor em sua obra, mas quase sempre inalcançáveis. Um dos corpos decide não revidar os golpes sofridos e tenta entender por que se encontra naquela situação, até que percebe que é feito da mesma matéria

de seu adversário: “Lança-se à luta com todo o corpo, e para evitar que alguma parte de si mesmo conservasse um vestígio do que fora, ou para não sofrer o desespero do que se sabe duplo, sem tonalidade, prepara a cabeça para o último golpe. Desfere-o” (RAWET, 2004, p.133).

Estas duas narrativas fazem representar corpos sem definição. A recusa em estabelecer limites e a natureza invertida de Abama, por exemplo, são interpretadas por Leonardo Tonus como sugestão de “uma aproximação da personagem com a figura do andrógino, situando-o num estado anterior à criação adâmica” (TONUS, 2007, p. 130). É neste sentido que aproximamos as duas narrativas, por apresentarem seres duplos, indefinidos, proteiformes. A identidade de gênero desses corpos não se torna relevante, coloca, porém, em evidência o confronto interno das personagens. Esses seres proteiformes travam uma luta consigo próprios através de seus duplos, que são seus semelhantes fisicamente, tentam anular-se ou mesmo aniquilar-se perante a constatação de uma possível união. Afinal, a cultura hegemônica ainda determina que dois corpos semelhantes não devem desejar um ao outro, mas travar um combate, exercer uma rivalidade.

Victor Hugo Adler, em trabalho apresentado em 2000 na ABRALIC, intitulado “Corpos mutantes, olhos estrangeiros”, analisa o conto “A luta” e afirma que esta perda dos limites corporais é recorrente na literatura ao tratar a experiência homossexual. Assim como, simultaneamente, é comum associar essa experiência à condição do estrangeiro, alguém sempre alheio e *outsider* (ADLER, 2000). O corpo do homossexual acaba sendo representado como o monstro, ou então, a representação expõe exatamente a transfiguração do corpo em monstro, como acontece em “Abama”. A passagem do comum ao seu avesso insinua a ausência de representações claras da sexualidade. Sendo assim, podemos pensar na hipótese, de que esse tipo de ficcionalidade, ao ocultar as definições do corpo, enfatiza o caráter negativo de se considerar a sexualidade de forma binária. Na novela “Abama”, essa dualidade aparece ao longo da narrativa com expressões opostas: sombra, luz; dia, noite; homem, mulher; esquerda, direita; preciso, vago. Assim como, a formação do nome Abama e o nascimento do demônio de Zacarias manifestam uma reação ao binarismo, embora seja difícil contorná-lo. As letras surgem conforme uma combinação de 1 e 2, sendo a letra M a possibilidade de ser os dois algarismos ao mesmo tempo. A luta entre o protagonista Zacarias e seu demônio particular Abama pode ser compreendida como uma busca para ultrapassar o sistema binário. Ao final do embate, entretanto, Zacarias identifica mais a aceitação do que a recusa de si mesmo: “Findara a busca, e talvez houvesse no rosto de Zacarias uma expressão não bem definida, mas que, com um pouco de esforço se poderia aproximar de alguma. Piedade, talvez” (RAWET, 2004, p. 448).

A escolha dos nomes do protagonista e de seu demônio particular não são aleatórias. O nome Zacarias significa “lembrado por Deus” ou “Deus lembrou-se”. Assim, a luta entre o protagonista Zacarias e seu demônio, cujo nome foi concebido por uma combinação entre dois números, seria uma forma de lembrar que existem experiências fora do sistema heteronormativo que não podem ser

excluídas do conjunto de experiências humanas. O fim da busca de Zacarias, portanto, seria a aceitação de sua condição entre os dois sexos, que também foi lembrada por Deus ou pela natureza.

A ficção de Samuel Rawet vai ao encontro, portanto, das proposições elucubradas pelos teóricos *queer*, cuja perspectiva expande a noção de sexualidade. Esta teoria ressalta o caráter compulsório da heterossexualidade e sua dicotomia homem/mulher, assinalando que o pensamento “heteronormativo” faz pressupor a heterossexualidade em diversos espaços sociais (MIGUEL, 2014).

Ainda segundo Adler, a experiência homossexual na literatura assemelha-se à do estrangeiro. Neste sentido, vale a pena lembrar a ideia de Edward Said quanto ao *páthos* do exílio que estaria sempre na “perda de contato com a solidez” (SAID, 2003, p. 52). O corpo e seu sexo, componente material e sólido da existência humana, perdem nestas narrativas tal característica, dando lugar a outra mais fluida, que transita entre uma forma e outra. Assim como o estrangeiro é obrigado a transitar entre inúmeras identidades.

No prefácio aos ensaios reunidos, os organizadores, Rosana Kohl Bines e Leonardo Tonus, identificam que a busca de Samuel Rawet pela palavra exata, pelo conceito justo, pelo termo ou noção apropriados desenvolve uma “filosofia da não pertença” (BINES; TONUS, 2008, p. 13). O instante vivido para Samuel Rawet impele o desafio de comunicá-lo com precisão por meio da escrita. Essa busca ambicionada quer pela sua ficção, quer pelos seus ensaios, é, segundo Bines e Tonus, associada “a elementos provenientes do universo do tabu (o injurioso, o vulgar, o obscuro, o escatológico, o incestuoso)” (BINES; TONUS, 2008, p.20). O diálogo entre os gêneros literários “participa desse processo que constantemente desarticula o correto e o incorreto, o bem e o mal, o permitido e o proibido, posicionando o autor no espaço intersticial privilegiado da não-pertença”, lugar que não lhe permitiu cair nas armadilhas da conveniência (BINES; TONUS, 2008, p.20). É no sentido de fugir às armadilhas da conveniência que a experiência do estrangeiro se assemelha à do homossexual. Embora o primeiro muitas vezes não tenha consciência de que não participa das conveniências pré-estabelecidas por ignorar o novo conjunto de códigos culturais e sociais, enquanto o segundo assume esta postura como forma de resistência e sobrevivência.

Samuel Rawet, no ensaio “Homossexualismo: sexualidade e valor” de 1970, traça alguns questionamentos sobre a sexualidade e afirma que “ser como natureza sob a forma de homem é ser *eticamente*, ser homem sob a forma de natureza é ser *valor*” (2008, p. 35). Aqui, o autor esboça uma perspectiva que expõe o caráter cultural da sexualidade e sua validação por certo sistema de valores. Este sistema define o que deve e o que não deve ser considerado normal no que concerne à sexualidade. Rawet continua: “*Aceita-me ou te devoro*, diz a esfinge moderna. Eis o meu sistema de valores, afirma determinado grupo, fora dele só a danação, o inferno, o vazio, o nada; dentro dele, a segurança, a proteção, o paraíso” (2008, p. 31). Para o autor, representar essa danação pode ser uma forma de questionar tais padrões e valores de um grupo hegemônico. Assumir a natureza humana, não a universal, mas aquela que determina o que

é o indivíduo, é ser eticamente. Porém, exaltar e impor o *ser homem*, indivíduo, como natural é constituir um determinado valor. O autor apresenta sua concepção acerca do envolvimento ético que implica a construção de uma identidade, pois inferir que fora dela só existe a danação, é constatar que esse sistema de valores é excludente.

O caráter provocatório é a tônica dos ensaios de Rawet. As reflexões apresentadas e desenvolvidas partem de experiências observadas ou vividas com o objetivo de transgredir as formas tradicionais do pensamento. Segundo Bines e Tonus, Rawet rompe com os “modelos tradicionais do texto ensaístico, buscando em particular uma total imbricação entre o biográfico, o especulativo e o ficcional” (BINES; TONUS, 2008, p. 12). Assim, no ensaio supracitado, o autor apresenta, entre o relato de uma experiência e outra, uma série de questionamentos os quais afirma ser ousados e construídos por via do absurdo:

- a) Há alguma lei absoluta que obrigue um homem a ter relações sexuais com uma mulher?
- b) Quando o homem odeia a mulher, ou a mulher odeia o homem, qual o rumo possível da sexualidade?
- c) Considerando a pergunta anterior, o que significa o homossexualismo, masculino e feminino?
- d) Sendo o homem o que *é* (não sei e muita gente não sabe), a sexualidade também não estará integrada no que *é*?
- e) A que processo psicológico está submetido um homem, ou uma mulher, homossexual, numa cultura que só admite oficialmente relações heterossexuais? É verdade que nas culturas em que não há essa imposição a sexualidade se guia por uma sábia indiferença, comum na *natureza*?
- f) Numa sociedade em que antes mesmo de nascer o homem se preocupa com a aposentadoria, e não com a morte, numa sociedade em que se esquece que a vida é uma grande aventura, a ser recomeçada a cada dia, em que feto e cadáver são idênticos, como não sucumbir?
- g) Que papel representa a interação dos sexos, no plano da convivência, para gerar estados patológicos que só são patológicos não pelo que são, mas pelo significado que assumem? (RAWET, 2008, p. 32)

As indagações aqui elencadas demonstram mais a preocupação especulativa do ensaísta que a necessidade de afirmações universais sobre a sexualidade. O absurdo consiste em determinar como patológico algo que é proveniente de uma “natureza”, um instinto, um desejo individual e não mais culturalmente definido. Destaca ainda o caráter impositivo da sexualidade e sua normatização segundo a natureza biológica e não segundo a “natureza” sexual do indivíduo. Não podemos ignorar a própria limitação da linguagem diante da complexidade de definir a origem e a natureza do desejo sexual. Por isso, na questão (e), Rawet sublinha a palavra natureza. O que é natural: o desejo ou a manifestação sexual de acordo com o sexo biológico?

Mais adiante, no mesmo ensaio, o autor afirma que o nazismo, compreendido como aberração, oculta a regra, ou seja, esconde o que cotidianamente é aniquilado da subjetividade dos indivíduos em nome de “altos valores” (RAWET, 2008, p.35). Esta afirmação, entre muitas outras, ilumina o caráter *outsider* do autor dentro da

comunidade judaica, visto que tenta exaltar o nazismo não como prática absurda contra o povo judeu, mas como um *modus vivendi* da cultura em relação a todo comportamento que transgride uma ordem ou uma necessidade de ordem.

Rawet afirma, na questão de letra (d), como citado acima, que não sabe o que é o homem e, portanto, especula também sobre isso: “O que é o homem? (...) Estrutura aberta, problemática, que se expande com o universo. Apenas” (RAWET, 2008, p. 42). Se o homem é isto, uma abertura para várias possibilidades, por que o reduzir com definições? E prossegue: “o *ser* só é *ser* como *vontade* de ser. Essa *vontade* é a manifestação *singular* do ser como existência” (RAWET, 2008, p.43). A partir destas afirmações, percebemos a preocupação do autor em compreender certos paradigmas para em seguida desconstruí-los, seja por meio da ficção, seja pelo ensaio.

Leonardo Tonus, no ensaio “Hibridação rawetiana” já citado neste trabalho, destaca o caráter intersexual das personagens de Rawet, com destaque para Abama e Ahasverus (TONUS, 2007, p.132). Este último é o protagonista da novela “Viagens de Ahasverus à terra alheia em busca de um passado que não existe porque é futuro e de um futuro que já passou porque sonhado”, que sofre constantes metamorfoses num espaço-tempo não linear, que já pode ser percebido desde o título. Ahasverus, além de metamorfosear-se em inúmeras personagens históricas e literárias, transita entre os gêneros feminino e masculino:

E subitamente precipitou-se numa vontade de metamorfoses incompletas até assumir a forma de incubo e depois de súcubo, e nas duas formas de súcubo e incubo exalar um cheiro de esperma e enxofre, produto de uma sexualidade desbragada, insatisfeita, permanente, ávidas sempre as duas formas de gozo, e no auge do gozo desejando mais gozo (...) e não se sabiam ao certo se a forma ausente era a de súcubo ou incubo, o que provocou ligeiro tumulto, e alterou as relações das duas formas primitivas, relações que não se sabia ao certo se eram pró ou *contra natura* (RAWET, 2004, p. 463)

O corpo homossexual concretiza-se como espaço múltiplo e realiza-se na ambiguidade da natureza: a do desejo e a da biologia. Por isso, o tumulto diante das alterações das formas do corpo, incubo e súcubo, pois Ahasverus não sabia se correspondiam à forma natural ou não. Não assumir a natureza determinada pela biologia, entretanto, configura ação desviante e transgressora que rumo a existência para a danação.

Neste trecho da novela “Viagens de Ahasverus”, está de volta a ideia do demônio que ronda as escolhas da personagem. Súcubos seriam demônios que assumem a forma feminina para atacar os homens e os incubos fariam o contrário, demônios cuja forma masculina deve atrair mulheres. Rawet representa nestas narrativas o tormento e a inquietação causados pelo desejo de indefinição sexual.

Ainda segundo Tonus, a intersexualidade nas narrativas de Rawet vão além das questões de gênero sexual e ressaltam o trânsito do autor entre as formas literárias, do conto ao ensaio, do ensaio à ficção, no mesmo texto. Essa característica, de “em vez de ultrapassar os limites impostos

pelos dogmas literários, acaba por incorporar todos ao mesmo tempo” (TONUS, 2007, p. 133), é performativa em Samuel Rawet e permite que se olhe para o seu texto como um ato transgressor, do tema ao formato. Assim como, a leitura dos ensaios ilumina a sua ficção e vice-versa, por estarem em constante diálogo no que diz respeito ao exercício de buscar a palavra e a ideia exatas.

Em “Fé de ofício”, conto quase ensaio, ensaio quase conto, o autor demonstra esse gosto pelas ambiguidades e interseções. Trata-se de uma narrativa sobre o processo criativo de um escritor. O narrador-escritor apresenta um esboço para a composição de duas personagens: “As duas figuras têm como constante a insanidade mental. A primeira não sabe se é exatamente o cavalo branco de um general famoso ou uma poça d’água; a segunda oscila permanentemente entre os dois sexos, o que talvez provoque a gula de algum psicanalista” (RAWET, 2004, p.180). O narrador-escritor segue esboçando profissão, cenário e ação para cada uma das personagens. A primeira poderia ser traficante, contrabandista, industrial ou um general famoso, a segunda teria menos opções, ou prostituta ou pederasta profissional. Diante da dificuldade de pensar a movimentação e a ação das personagens, pendendo sempre entre duas opções, o narrador-escritor prevê que “o desenlace poderia se dar com o casco do cavalo montado por um hermafrodita dentro da poça d’água” (RAWET, 2004, p.182). Fundindo as duas histórias, os dois sexos, os dois gêneros literários, Rawet exalta e reforça o gosto pelas ambiguidades e pela fluidez.

Segundo Rosana Kohl Bines e Leonardo Tonus, os ensaios de Samuel Rawet recusam “uma especulação rígida e instaura uma diluição de fronteiras entre a ciência, a literatura, a ficção, a confissão, o real e o ilusório, incitando o leitor a questionar a veracidade e a legitimidade de cada um desses discursos” (BINES; TONUS, 2008, p. 19). A mesma fluidez observada pelos organizadores dos ensaios pode ser percebida neste conto, no qual o narrador-escritor nos apresenta seus métodos de criação que variam entre a sistematização e a espontaneidade para encerrar com a manifestação de seu gosto recente pelas ambiguidades: “um gosto recente pelas coisas ambíguas, por causalidades inúteis, pela desnecessária síntese de certas contradições, me leva a aceitar o título apesar de ferir a sensibilidade olfativa de alguns, por estranha sinestesia” (RAWET, 2004, p. 182).

Ainda na esteira da hibridização de gêneros, sexuais e literários, gostaria de apresentar mais um conto de Rawet: “O aprendizado”, também do livro *Diálogo*. Trata-se da história de Clemente que se inquieta com algumas práticas familiares. Clemente está com uns quarenta anos e vive de forma incompatível com o que sua família acredita ser o correto. No entanto, a narrativa se desenvolve de forma a transparecer uma especulação, semelhante à dos ensaios. Clemente recebe num domingo seus familiares: tio, tia, primo, irmãos, cunhada. Todos em uníssono pedem que Clemente renuncie a algo que não é explicitamente dito, porém deduz-se que a renúncia implica a exigência de um modo de vida mais “estável, sereno, imóvel”. A sexualidade não está posta como questão a ser domada, mas depreende-se que ela é um dos motivos dos pedidos efusivos dos familiares. Clemente observa o irmão mais novo que é

aquele que menos convictamente pede a renúncia ao irmão: “Quase da mesma idade, tinham os mesmos impulsos, até que um deles optou pela segurança” (RAWET, 2004, p. 112). O texto vai descrevendo os tipos familiares, cada um compõe uma personagem social e todos são tomados por Clemente como títeres, “o homem se engrena e é engrenado” (RAWET, 2004, p. 109). Quando Clemente observa o primo, de movimentos precisos, vê-se como seu avesso:

Este homem aprendeu a viver. Ensinaram-lhe a fazer medidas, a pegar na faca e no garfo, a apoiar as mãos na mesa, ensinaram-lhe a escovar os dentes, a dormir na hora certa, ensinaram-lhe a andar na rua e a sentar-se numa poltrona, ensinaram-lhe a dizer coisas e a não dizer outras, ensinaram-lhe a gostar disto e a desgostar daquilo, ensinaram-lhe tudo, enfim, e ei-lo seguro, ei-lo padrão. E ele, Clemente? O oposto, o reverso, o avesso. Mas menos homem por isso? Fosse cego, surdo, mudo, sem tato e sem gosto, menos homem, ainda assim? (RAWET, 2004, p. 109).

Nesta passagem, é possível perceber a preocupação de Samuel Rawet em representar o pensamento daqueles que não se adequam ao comportamento-padrão. Essa ténue perspectiva atravessa seus textos, em maior ou menor grau, mas está sempre presente, quer nos ensaios, quer na ficção.

Michel Foucault perseguiu em seus estudos os mecanismos de produção de verdade e de poder exercido pelo discurso aceito como verdadeiro. Para Foucault, o poder, no entanto, não tem medo da sexualidade, mas é a através dela que o poder se exerce (FOUCAULT, 2015, p. 353). Assim, um sistema de controle da sexualidade, em particular, e do comportamento, em geral, é exercido através do discurso e da produção de verdades sobre todas as questões aí implicadas.

Clemente ressalta o papel usurpador da subjetividade que tem a educação. Ele, então, ao negar esta engrenagem torna-se o avesso do desejado ou desejável. O conto termina com a constatação cortante de Clemente: “Quando um homem como ele, Clemente, aprende a viver, está à morte” (RAWET, 2004, p.113). Aprender a viver como seu primo aprendeu resultaria em sua morte simbólica. No entanto, a manifestação do poder, mesmo não se concretizando sobre Clemente, visto que se nega a empreender um comportamento que não reconhece como legítimo, acontece à medida que se instaura a necessidade de resistência diante dos familiares. Assim, seria interessante evocar novamente o ensaio “Homossexualismo: sexualidade e valor” para iluminar a inquietação de Clemente diante da adstração familiar:

O comportamento homossexual é um *comportamento global no mundo*. É a manifestação do corpo como consciência diante de certos valores. Pode, inclusive,

assumir aspectos patológicos. Quando o pensamento de um ato ocorre simultaneamente com a condenação do ato, condenação consciente e não verbalizada, a repercussão somática é imediata (RAWET, 2008, p.41).

Clemente, Abama, Ahasverus, os corpos sem forma, representam a manifestação do corpo como lugar ético. Este lugar deve, pois, estar alinhado aos valores subjetivos mais que aos valores propagados por discursos assumidos como verdade pelo senso comum, segundo Rawet.

Didier Eribon, em seu importante estudo *Reflexões sobre a questão gay* (2008), afirma que as heterotopias, estes lugares não hegemônicos, estão necessariamente dentro do “mundo social cujas normas e tecnologias disciplinares constroem, dominam e sujeitam” (ERIBON, 2008, p. 408). Seria ilusão, portanto, acreditar que fora dos lugares hegemônicos conseguimos deslocar os limites da liberdade humana. É também a partir destes lugares e através do trabalho crítico, incansável e repetido, que este alargamento ou deslocamento acontece.

Foi através do texto e da atitude crítica que Samuel Rawet tentou alargar os limites da liberdade. Se num primeiro momento sua trajetória como engenheiro e escritor foi esquecida e negligenciada, atualmente podemos afirmar que sua obra redescoberta consolida sua tentativa de deslocar estes limites.

O escritor de *Contos do imigrante* fez da experiência deslocada um lugar de fala para todas aquelas experiências subalternas e estereotipadas. A experiência deslocada pode ser compreendida tanto como aquela que remete ao estrangeiro, como a que compreende o deslocamento entre os papéis desempenhados por ambos os gêneros. Sua perspectiva sobre a possibilidade da ambiguidade sexual, do trânsito entre os sexos, renasce com a força da necessidade de se continuar resistindo diante de certos valores comportamentais impostos. Desta forma, exigindo uma postura fundamentalmente ética, Rawet termina seu ensaio “Homossexualismo: sexualidade e valor”:

Mas vou parar. O assunto está apenas esboçado. Talvez isto tenha o mérito de formular novamente a questão. Apenas, enquanto se reconhece a ignorância, é melhor exigir para as *minorias* sexuais não compreensão, mas o direito fundamental de qualquer minoria, o direito de ser, de existir. Sem favores. Morre-se só, sempre só, morre-se a própria morte. Vive-se só, sempre só, vive-se a própria vida. Em qualquer circunstância. Talvez haja aí o fundamento de alguma ética (RAWET, 2008, p. 49).

Gostaria, portanto, de terminar com a mesma exigência feita pelo escritor: o alerta para que toda e qualquer minoria tenha o direito de existir. O alargamento das liberdades humanas passa, sobretudo, pela garantia do direito de ser.

Recebido em: 17/09/2017

Aprovado em: 23/11/2017

Nota

¹ Considerando que o texto foi escrito antes da reforma ortográfica implementada em 2009, a letra M é a décima segunda letra do alfabeto.

Referências bibliográficas

ADLER, V. H. Corpos mutantes, olhos estrangeiros. **Anais da ABRALIC** (2000). Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/>. Acesso em 15 de Setembro de 2017.

BINES, R. K. & TONUS, J. L. A palavra extrema de Samuel Rawet (Prefácio). **Samuel Rawet: ensaios reunidos**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

MIGUEL, L. F. A identidade e a diferença. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

RAWET, S. **Contos e novelas reunidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. Homossexualismo: sexualidade e valor. **Samuel Rawet: ensaios reunidos**. Rosana Kohl Bines e José Leonardo Tonus (orgs). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

TONUS, Leonardo. Híbridasções rawetianas. **Samuel Rawet – ensaios**. Saul Kirschbaum (org). Brasília: LGE, 2007.